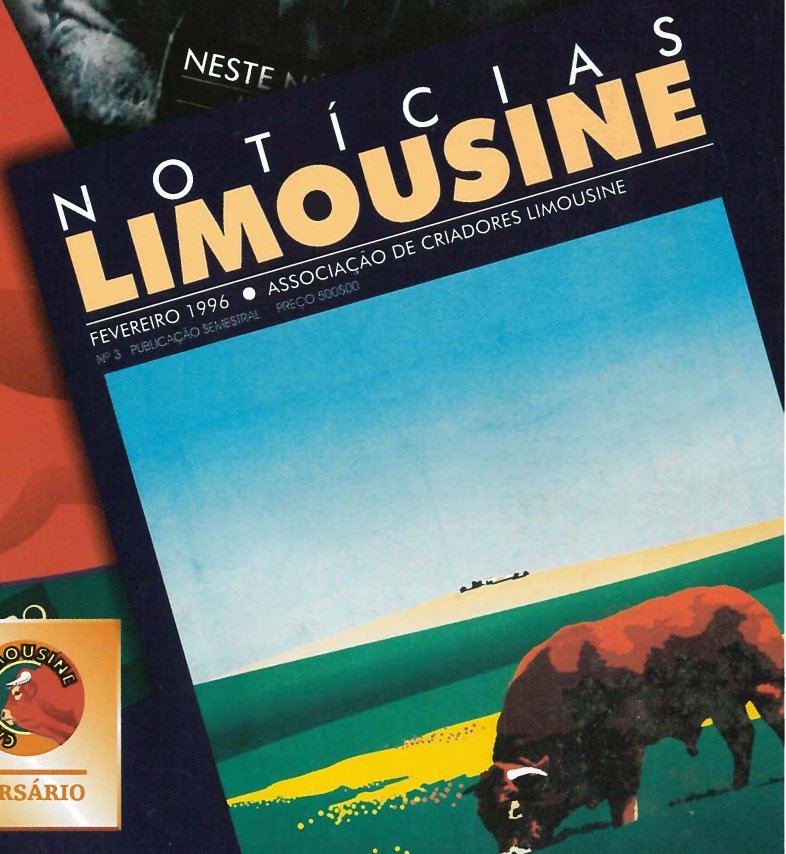
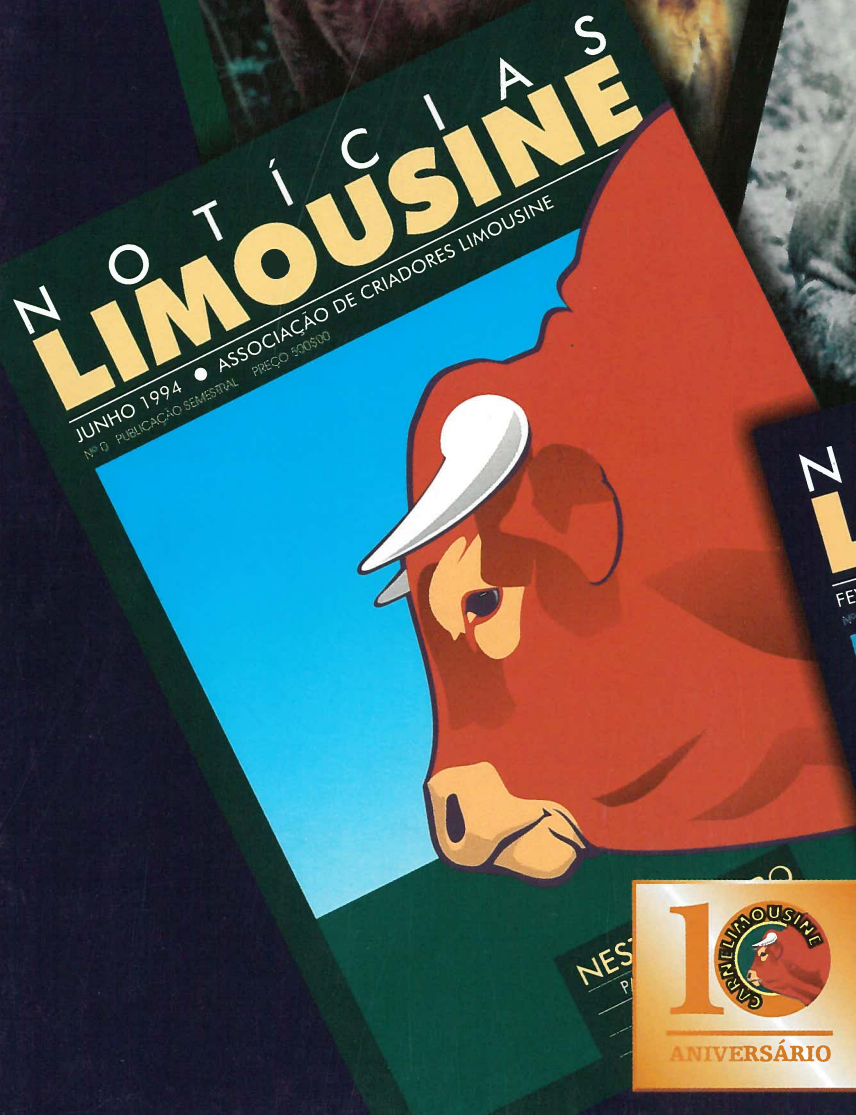
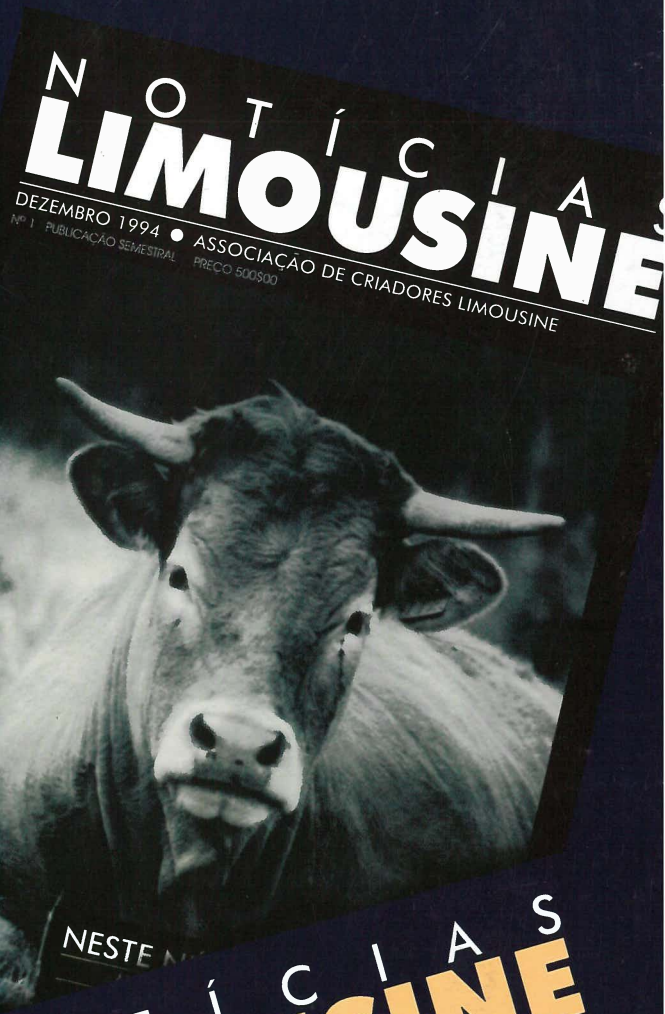
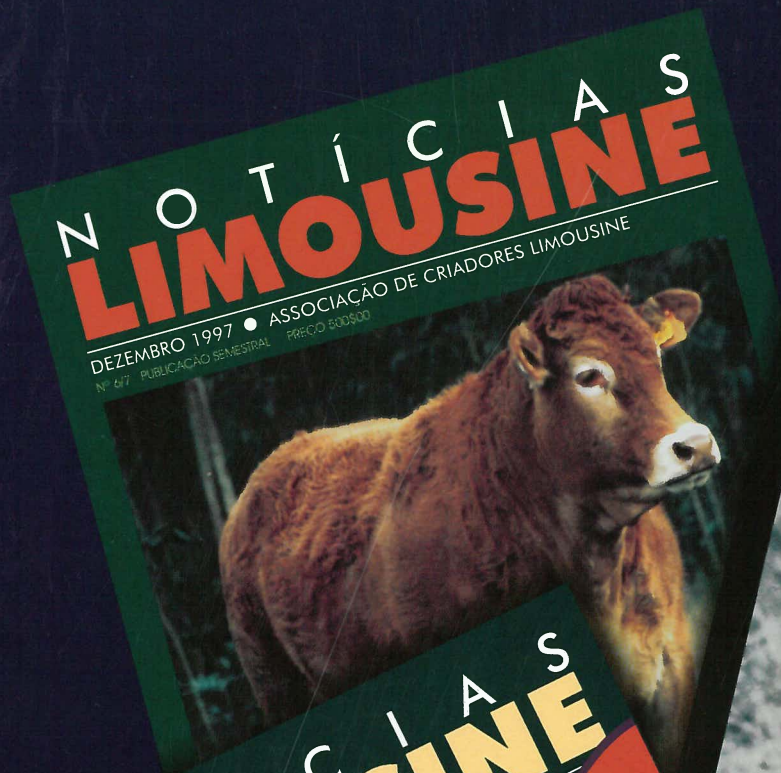


# NOTÍCIAS LIMOUSINE

DEZEMBRO 1999 ● ASSOCIAÇÃO DE CRIADORES LIMOUSINE

Nº 8 PUBLICAÇÃO SEMESTRAL PREÇO 500\$00





# CASA AGRÍCOLA MEXIA CASTELO BRANCO

A mais antiga exploração LIMOUSINE do país



QUALIDADE

## LIMOUSINE



FERTILIDADE



LONGEVIDADE

### VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES

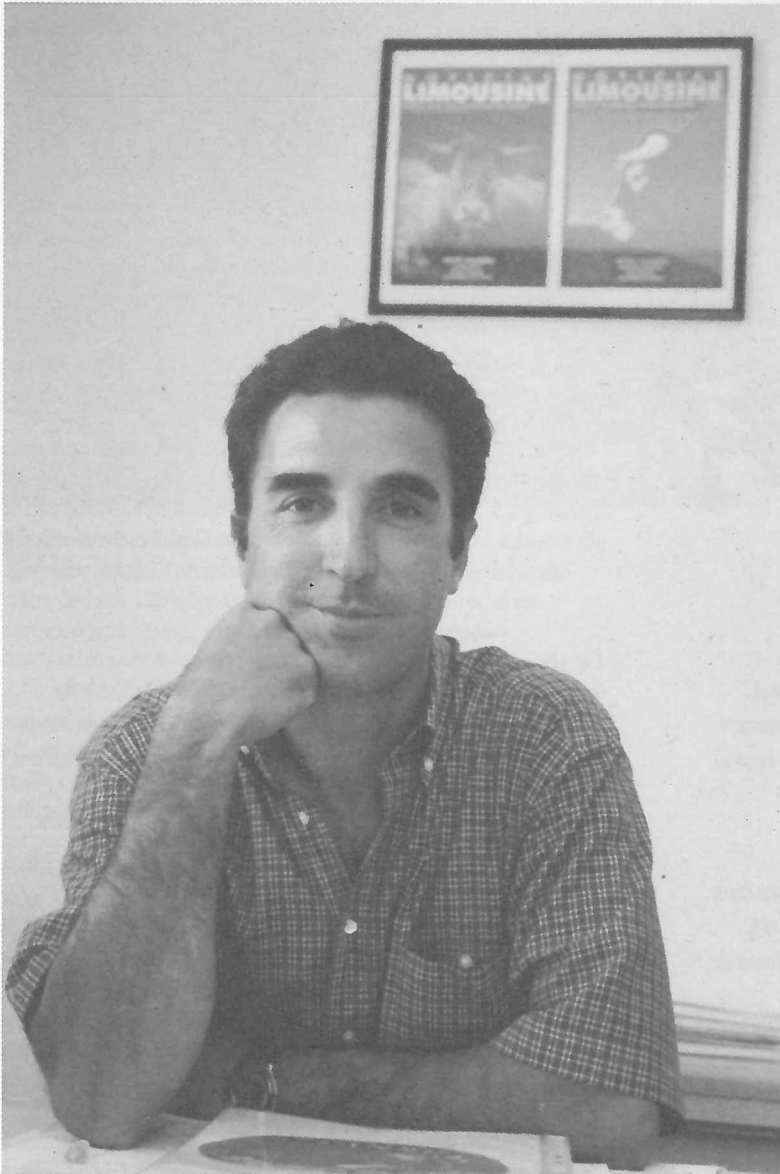


HERDADE DAS CARIAS • ARRAIOLOS

Telef. 266 892 404

Fax 266 892 404

# Dez anos de vida e de projectos



A Associação dos Criadores de Bovinos da Raça Limousine foi criada em 1989, resultando da conjugação de dois factores. Em primeiro lugar, em 1988/89, a Direcção Geral de Pecuária, dentro de uma política de descentralização, pretendia encontrar entidades associativas a quem entregar a gestão do Livro Genealógico da raça. Além disso, desde 1986, com as exposições dedicadas ao Limousine na Fatacil, em Lagoa, e com a criação do primeiro Concurso Nacional da raça no âmbito do mesmo certame, existia já alguma organização e um ponto de encontro dos criadores. Foi assim que a ACL acabou por ser criada em 1989, precisamente por altura de mais uma edição da Fatacil. Segundo José Manuel Rodrigues, o primeiro presidente da associação, «aproveitou-se a ocasião de ali estar reunido um grupo importante de criadores e, com o apoio fundamental da própria Fatacil e ainda da Caixa Agrícola de Lagoa, formalizou-se a associação». No início, recorda aquele dirigente, «havia um nítido predomínio dos pequenos criadores algarvios», o que explica que a sede da ACL tivesse ficado em Lagoa, no Algarve. «No início, o Livro Genealógico tinha cerca de 70 criadores inscritos, dos quais 50 eram algarvios». A ACL surgiu então para dar resposta a dois objectivos fundamentais: fazer a gestão do Livro Genealógico e organizar, divulgar e promover a raça, fazendo-a crescer em Portugal. Até 1994, segundo o presidente José Manuel Rodrigues, «as coisas foram acontecendo sem objectivos quantificados, já que o trabalho desenvolvido pretendia estruturar o Livro em novas bases, e ao mesmo tempo, começar a perceber como funcionavam as instituições que tinham a ver com a bovinicultura em Portugal, e dar-nos também a conhecer a essas instituições. Outro objectivo era dar-mo-nos a conhecer ao público, nomeadamente através da participação em feiras agrícolas».





## Profissionalizar

Assim, até 1993, a ACL não dispunha de uma estrutura profissional. Alguns dos seus serviços, como o Livro Genealógico (LG), funcionavam em conjunto com as associações do Charolês e do Île-de-France, com as quais tinha sido estabelecido um protocolo de cooperação para o secretariado dos três LG. No entanto, lembra José Rodrigues, «queríamos crescer e não era possível consegui-lo dentro dessa estrutura». Foi assim que, nesse ano, se avançou com a decisão de fazer uma candidatura ao Proagri, de modo a que, a partir de 1994, a ACL ficasse dotada com uma estrutura profissional e passasse a funcionar de acordo com objectivos quantificados.

«A visão que havia na altura da questão do Limousine repousava na necessidade de a associação e a raça se autosustentar, tendo que criar um certo nível de autonomia. Para isso, era preciso fazer crescer o número de animais e de criadores inscritos, de modo a suportar a estrutura profissional sem que isso significasse grandes encargos para cada criador. Essa foi a estratégia seguida», recorda José Manuel Rodrigues. Segundo este responsável, isso passava também por «inverter a lógica em vigor. Até aí a ACL era uma associação de seleccionadores de Limousine, o que não fazia muito sentido. É que qualquer associação deste tipo tem de ter uma base de produtores de carne, um nível intermédio de multiplicadores e, no topo, os seleccionadores. Aqui tínhamos seleccionadores e mais nada, além de que era seleccionador quem queria!».

Foi necessário reconhecer que não era possível que a associação

sobrevivesse só com criadores tendo como mero objectivo o de produzir reprodutores. Era preciso apostar claramente na produção de carne que, sublinha José Manuel Rodrigues, «é afinal o principal produto do Limousine».

A estratégia definida passou pelo crescimento da associação, mas apostando no alargamento do número de produtores de carne e dos multiplicadores, mantendo ao mesmo tempo os seleccionadores, desde que se enquadrassem nos critérios de qualidade estabelecidos. Foram igualmente quantificados objectivos: atingir no ano de 1999 as 10 mil vacas inscritas e os 300 criadores. «De atingir ou não essas metas, dependia a autonomia da Associação, sob pena de sobrecarregar os criadores com quotas e taxas para a manutenção dos serviços do Livro Genealógico», explicou o presidente. O segundo objectivo era reestruturar o Livro. «Isso foi plenamente conseguido», garante. «O Livro funciona hoje como deve, fazendo selecção de acordo com critérios internacionalmente reconhecidos. É um Livro completamente informatizado, que recolhe, regista e trabalha performances, de acordo com metodologias adequadas à raça, divulgando depois os resultados aos criadores».

## Falhas

O objectivo do crescimento, porém, não foi alcançado. Porquê? «Provavelmente sobrestimámos os objectivos e a nossa capacidade de os atingir», responde José Manuel Rodrigues. «Em Portugal há muitas inércias e vícios, das pessoas individualmente, a começar pelos agricultores que têm *alergia* a questões organizativas e associativas e muita dificuldade em trabalhar com um objectivo comum. Depois inércia também ao nível das instituições, quer as que têm a ver com os próprios agricultores, como a Confederação da Agricultura Portuguesa (CAP) e a Federação Portuguesa de Bovinicultores (Fepabo), quer as que têm a ver com a administração central, como as Direcções Gerais e Regionais, o INIA, e outras». O primeiro dirigente da ACL explica ainda este relativo insucesso pela falta de «uma política nacional para a pecuária. O que se tem passado é que as medidas de apoio à agricultura portuguesa não são realmente políticas para o sector, mas apenas meias medidas. É que não se apoia projectos, mas iniciativas e acções. Para um mesmo sector, há uma grande dispersão de competências na atribuição de apoios. Se nós temos um projecto global de desenvolvimento da raça, temos que nos candidatar a *n* medidas em *n* entidades. E o problema é que se nos candidatamos a seis medidas, por exemplo, e só três são aprovadas, é todo o projecto que fica inviabilizado. Esta dispersão criou, de facto, situações assim e nunca ninguém, ao nível da administração central, se preocupou em coordenar tudo».

Outra razão para o relativo insucesso dos objectivos traçados pela ACL foi a grande dificuldade em implantar e fazer crescer a comercialização da carne Limousine de forma significativa. Porquê? «É um problema nacional. Tem a ver com as tais meias medidas de apoio, com uma rede de distribuição da carne viciada, uma rede de talhantes nada profissional, um consumidor pouco informado, que diz querer qualidade, mas depois prefere carne barata, mesmo com hormonas, e a grande dificuldade dos criadores se organizarem à volta de um projecto comum e se manterem coesos à volta de objectivos a médio prazo».

A chamada *crise das vacas loucas* também teve alguns efeitos. «A partir de 1996 houve uma paragem e depois uma quebra. O mercado tremeu», admite José Manuel Rodrigues.

Mas, no meio de tudo isto, houve ainda aspectos que correram bem. Além do sucesso do Livro Genealógico, José Rodrigues destaca a melhoria geral da qualidade do Limousine em Portugal. «O efectivo cresceu e cresceu bem. Tem crescido sustentado em critérios de produção de carne ou seja, o que interessa não é já apenas a *beleza* do animal, mas as suas performances de reprodução e de produção de carne».

Outro aspecto que funcionou bem foi o da promoção e divulgação da raça Limousine. «No fim dos anos 80, a raça era praticamente desconhecida, agora é talvez a mais conhecida e possui já um efectivo vastíssimo, estimado em mais de 50 mil cabeças», mesmo que grande parte delas não registadas. Entre os consumidores e os criadores de bovinos o Limousine é hoje uma raça de sucesso. Certamente que o trabalho desenvolvido pela ACL não terá sido completamente indiferente a este sucesso.

## História

### Primeiro mandato da direcção 89/90

José Manuel Rodrigues (presidente)

José Manuel Costa

Renato Drago

Presidente da Assembleia Geral António Castelo Branco

### Segundo mandato - 91/92/93

José Manuel Rodrigues (presidente)

José Manuel Costa

Francisco Falcão de Campos

Presidente da AG António Castelo Branco

### Terceiro mandato - 94/95/96

José Manuel Rodrigues (presidente)

José Manuel Costa

Francisco Falcão de Campos

Presidente da AG António Castelo Branco

### Quarto mandato - 97/98/99

José Manuel Rodrigues (presidente)

António Samora

Rui Borges de Sousa

Presidente da AG Francisco Falcão de Campos

### Quinto mandato 2000

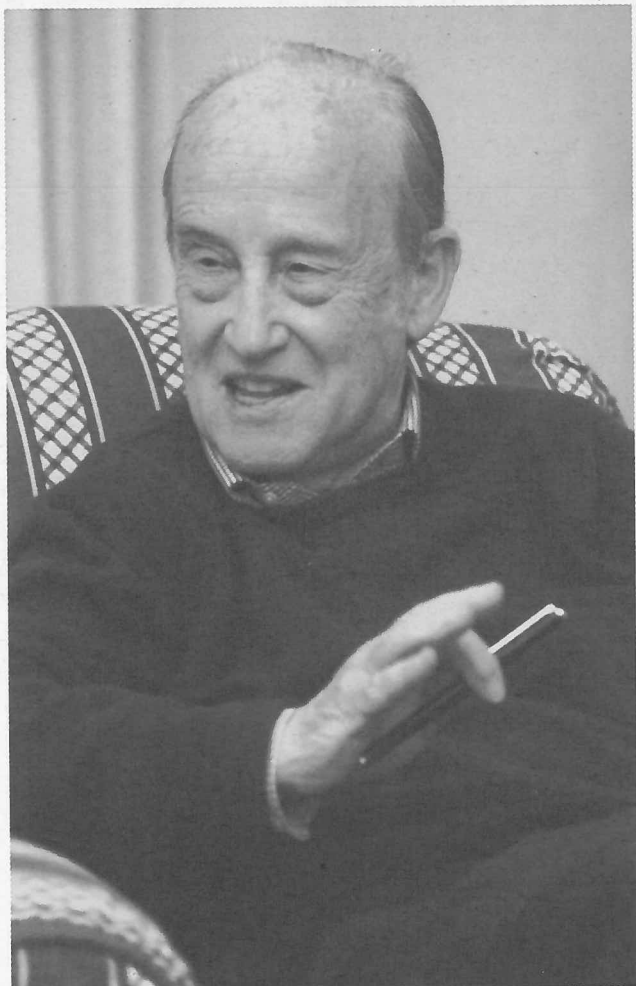
Rui Borges de Sousa (presidente)

António Samora

Barnabé Pisco

Presidente da AG Carlos Lage de Almeida

# António Castelo Branco, um pioneiro



O engenheiro António Castelo Branco é exemplo de um fundador da Associação que ainda hoje se mantém em actividade no sector. A Herdade das Carias, perto de Montemor-o-Novo, com 466 hectares, mantém uma produção activa da raça, com um efectivo de cerca de uma centena de vacas puras e três touros reprodutores.

A Herdade pertence à Casa Agrícola Praça Mexia, que, nos anos 50, pelas mãos de João Nunes Mexia e do seu sócio Raúl Mineiro, foi a responsável pela introdução em Portugal da raça Limousine. Um facto que torna esta Casa Agrícola a mais antiga exploração privada de Limousine no país.

«Quando acabei o curso e me comecei a interessar pela agricultura, não havia gado de carne em Portugal, mas sobretudo gado de trabalho. O meu sogro, João Nunes Mexia, teve a visão suficiente para se aperceber desse mercado potencial e resolveu, nos anos 50, apostar no gado de qualidade. Dizia ele que *o que é bom vende-se sempre e vende-se bem*», recorda Castelo Branco.

Quando em 1985/86, o engenheiro Castelo Branco tomou conta da parte agrícola da Casa Praça Mexia, resolveu dinamizar e revitalizar a criação da raça. Foi assim que em 1988, comprou um bom touro reprodutor, directamente em França, o Caramel, que havia de desempenhar um papel importante no melhoramento da raça em Portugal.

Foi nessa altura também que começou a criar-se um movimento de criadores que haveria de levar à constituição da associação da raça Limousine, a ACL. Castelo Branco acabou por fazer parte dos primeiros órgãos directivos da ACL, como presidente da Assembleia Geral, cargo no qual se manteve até há dois anos. Hoje mantém-se ainda ligado à associação, mas agora como membro do seu Conselho Consultivo.

Aliás, o engenheiro Castelo Branco é uma das mais experientes figuras do movimento associativo da pecuária nacional. Durante seis anos esteve também à frente da Fepabo, a Federação Portuguesa de Bovinicultura, assim como esteve na direcção da Confederação da Agricultura Portuguesa (CAP), durante um mandato.

«Quando a ACL foi constituída, a raça Limousine era relativamente pouco importante em Portugal, havendo ainda um número reduzido de criadores. Nessa altura, o charolês dominava o mercado», recorda. Mas, passados dez anos, «a situação inverteu-se totalmente. O Limousine é, de longe, a raça exótica que domina em Portugal, sobretudo no Centro e Sul».

O engenheiro Castelo Branco considera que fundamental para esta implantação tão consistente da raça Limousine foi a seriedade do trabalho desenvolvido pela Associação, nomeadamente enquanto gestora do Livro Genealógico. «Tem que haver uma total seriedade nestas questões, de modo a que se possa dar garantias de que um animal é puro». Outro aspecto importante foi também a introdução de mecanismos de controlo da qualidade.



## Futuro?

O engenheiro Castelo Branco não vê com muito optimismo o futuro da bovinicultura em Portugal, começando por criticar a maneira como as sucessivas reformas da Política Agrícola Comum (PAC) têm sido feitas, deixando os criadores portugueses cada vez mais desprotegidos.

Tudo começou com a primeira reforma da PAC, em 1992, apenas seis anos depois de Portugal ter entrado no Mercado Comum. «O que eu critico não é que tenha havido abertura dos mercados. Critico é que a aplicação da política não tivesse sido feita de forma gradual. Não tínhamos condições para começar logo a competir no mercado comum. Não nos foi dado tempo!», salienta.

E agora, será que os criadores de Limousine estão preparados para os novos desafios que se avizinham? «Não!», garante, categórico, Castelo Branco. «E não são só os criadores de Limousine que não estão

preparados para os embates futuros, são todos os criadores do país. Estamos habituados a deixar andar, não nos preocupamos em planificar e agora vamos sofrer as consequências». Castelo Branco diz temer,

sobretudo, os efeitos das recentes alterações aos acordos no âmbito da Organização Mundial do Comércio (OMC), que prevêm que as barreiras alfandegárias para os produtos vindos de fora da Europa, nomeadamente do Mercosul, diminuam. «O que vai acontecer quando se começar a permitir a importação para a Europa de grande quantidade de carne da Argentina, Brasil, Austrália, Estados Unidos?», interroga. «A carne de categoria R3, por exemplo, que em Portugal se produz a 600/650 escudos por quilo, na Argentina produz-se a 300 escudos e o custo do transporte hoje já não tem grande significado», exemplifica.

É por isso que Castelo Branco não tem dúvidas em afirmar que a perspectiva para os criadores europeus, em geral, «é negra». «Agricolamente, dentro de um mercado globalizado,

as nossas possibilidades são escassas. Se a Europa vai sofrer, agora imagine-se o que não vai sofrer Portugal».

Mas este criador considera que não é só de fora da Europa que podem vir os perigos para o sector da bovinicultura de Portugal. «Os países de Leste, como a Polónia e a Hungria, que vão entrar na União Europeia, também vão produzir desequilíbrios importantes. Têm salários baixos, condições de competitividade maiores. Por outro lado, vão fazer diminuir o nível de subsídios hoje distribuídos, porque o mesmo bolo terá que ser mais repartido».

Nós vamos sofrer com tudo isso. Tenho grandes dúvidas relativamente ao futuro da agricultura nos próximos 15 ou 20 anos, no país, mesmo com os nichos de mercado todos que possam surgir».

Ao fim e ao cabo, conclui o engenheiro Castelo Branco, «é uma questão de lobbies. Em Portugal, nós, agricultores, não pesamos

muito. Se votarmos contra um governo, seja ele qual for, isso não o afecta muito. Em França ou nos Estados Unidos, há um grande peso eleitoral e até económico do sector agrícola, bem organizado.».

«O que eu critico não é que tenha havido abertura dos mercados. Critico é que a aplicação da política não tivesse sido feita de forma gradual. Não tínhamos condições para começar logo a competir no mercado comum. Não nos foi dado tempo!»

Pessimista? «Acho que sou apenas realista», garante. «Como se costuma dizer, um pessimista é um optimista bem informado», ironiza.

Mesmo assim, apesar do quadro negro que traça, Castelo Branco continua a defender que a aposta na qualidade é o único caminho. É que, mesmo assim, «os melhores, os que tiverem qualidade, ou acabam por sobreviver ou são os últimos a afundar-se!».

# Sem problemas, do nascer ao vender



José Manuel Costa é, em conjunto com António Castelo Branco, o único sócio fundador da ACL que ainda hoje se mantém em plena actividade de criação da raça Limousine.

José Manuel Costa é, em conjunto com António Castelo Branco, o único sócio fundador da ACL que ainda hoje se mantém em plena actividade de criação da raça Limousine. Ele é também a pessoa que, nos anos 80, reconheceu nesta raça francesa o potencial para fazer negócio, mas também a importância que ela poderia ter no melhoramento da bovinicultura nacional.

Nesse, como noutros aspectos, foi um pioneiro.

«Grande parte da qualidade do património genético do Limousine em Portugal deve-se ao bom critério de José Manuel Costa», não hesita em salientar o primeiro presidente da associação, José Manuel Rodrigues.

Aquele criador começou por fazer a sua primeira importação de vacas de França em 1978. «Tinha estado na Feira de Paris e vi a raça, que até já conhecia. Comecei por importar 15 vacas. Fui aumentando o rebanho ao longo dos anos, até que cheguei a ter perto de 200 vacas», recorda José Manuel Costa.

«Escolhia as vacas e os touros reprodutores que importava pelo tamanho. Introduzi em Portugal as vacas grandes, de tipo *elevage*. Os próprios franceses consideraram o meu rebanho como um dos melhores da Península Ibérica, em tamanho, em homogeneidade», diz, com justificado orgulho.

A última importação de vacas que este criador fez foi há quinze anos, de 120 novilhas. A partir daí, recorda, «tenho renovado o rebanho com produto da casa». A única coisa que José Manuel Costa tem comprado são touros, «para evitar os problemas de consanguinidade».

Agora, depois de ter trocado a sua herdade da Carrasqueira, perto do Montijo, pela do Monte do Carapetinho, com 200 hectares, no concelho de Odemira, tem um efectivo de 170 vacas e 4 touros.

O pioneirismo de José Manuel Costa no fomento da raça em Portugal, levou-o a estar, desde o primeiro minuto, ligado à criação da ACL, em 1989. «Nessa altura, quando os produtores portugueses ainda se estavam a organizar, houve a intenção por parte da Direcção Geral de Pecuária de passar a gestão do Livro Genealógico da Raça Limousine para as mãos de uma Associação de Raças Selectas, que englobava várias raças. Nós, os criadores do Limousine, não vimos isso com bons olhos, pelo que resolvemos meter mãos à obra e constituir a nossa Associação».

Dez anos passados, em que é que a ACL modificou o panorama? «Uma coisa que se vê a olhos vistos é que a associação fomentou a raça Limousine. Promoveu concursos, exposições, estabeleceu o controlo de performances. Tudo isso resultou numa melhoria dos animais aí em 100 ou 200 por cento», afirma José Manuel Costa.

Ainda há uns meses, este criador esteve para abandonar de vez a actividade, quando vendeu a sua herdade no Montijo, onde se dedicava também, em larga escala, à suinicultura. «Vendi porcos, vendi tudo, para me retirar. Mas depois comecei a olhar para as minhas vaquinhas, que são como pessoas da família e resolvi arranjar-lhes um cantinho. Foi por isso que comprei esta herdade, aqui perto de Odemira».

Ao contrário de muitos dos seus colegas, Costa está confiante no futuro, que considera «promissor». «A procura é grande», diz.

«Onde está um touro limousine numa vacada, os novinhos vendem-se melhor». «O futuro é o Limousine. É uma raça que não dá aborrecimentos nenhuns. Desde o nascer, ao vender, não dá problemas e é isso que os criadores querem», garante.



# Tops+Nacionais

## Os Campeões Nacionais

- 1989 **ESBEITO** "Tat-7123"  
- Criador e Proprietário - José Manuel Cândido Costa, Montijo
- 1990 **BACO** "Tat-9529"  
- Criador e Proprietário - José Manuel Rocha Rodrigues, S. Teotónio- Brejão
- 1991 **BIGODE** "Tat-9509"  
- Criador e Proprietário - Francisco António Capela, Montemor-o-Novo
- 1992 **FLIC** "Tat-00.370"  
- Criador e Proprietário - José Manuel Rocha Rodrigues, S. Teotónio
- 1993 **GAROTO** "Tat-PG.91.064.009"  
- Criador e Proprietário - José Manuel Rocha Rodrigues, S. Teotónio
- 1994 **GAROTO** "Tat-PG.91.064.009"  
- Criador e Proprietário - José Manuel Rocha Rodrigues, S. Teotónio
- 1995 **HIDALGO** "Tat- PG.92.096.007"  
- Criador e Proprietário - Willem Carp, Arronches
- 1996 **GAROTO** "Tat-PG.91.064.009"  
- Criador - José Manuel Rocha Rodrigues, S. Teotónio  
- Proprietário - Sociedade Agricultura Grupo David, Ourique
- 1997 **HERCULES** "Tat-PG.92.064.007"  
- Criador - José Manuel Rocha Rodrigues, S. Teotónio  
- Proprietário - Manuel Pacheco Loução, Brejão
- 1998 **IGOR** "Tat-PG.93.064.008"  
- Criador - José Manuel Rocha Rodrigues, S. Teotónio  
- Proprietária - Rosa Maria dos Santos, Zambujeira do Mar
- 1999 **HERCULES** "Tat-PG.92.064.007"  
- Criador - José Manuel Rocha Rodrigues, S. Teotónio  
- Proprietário - Manuel Pacheco Loução, Brejão

## As Campeãs Nacionais

- 1989 **HELENA** "Tat-8169"  
- Criador e Proprietário - Domingos dos Reis Mera, Guia-Algarve
- 1990 **BELGA** "Tat-8435"  
- Criador - Irmãos Capela, Montemor - o - Novo  
- Proprietário - Domingos Alfacinha Mendonça, Évora
- 1991 **BROA** "Tat-9287"  
- Criador - Irmãos Capela, Montemor - o - Novo  
- Proprietário - Domingos Alfacinha Mendonça, Évora
- 1992 **BROA** "Tat-9287"  
- Criador - Irmãos Capela, Montemor - o - Novo  
- Proprietário Domingos Alfacinha Mendonça, Évora
- 1993 **HIDRA** "Tat-PG.92.022.092"  
- Criador e Proprietário - José Manuel C.J.Costa, Montijo
- 1994 **GAIVOTA** "Tat-PG.91.088.004"  
- Criador e Proprietário - José Maria Pacheco dos Reis, S. Teotónio
- 1995 **GAIVOTA** "Tat-PG.91.088.004"  
- Criador e Proprietário - José Maria Pacheco dos Reis, S. Teotónio
- 1996 **GAIVOTA** "Tat-PG.91.088.004"  
- Criador e Proprietário - José Maria Pacheco dos Reis, S. Teotónio
- 1997 **GULOSA** "Tat-PG.91.088.002"  
- Criador e Proprietário - José Maria Pacheco dos Reis, S. Teotónio
- 1998 **GULOSA** "Tat-PG.91.088.002"  
- Criador e Proprietário - José Maria Pacheco dos Reis, S. Teotónio
- 1999 **GULOSA** "Tat-PG.91.088.002"  
- Criador e Proprietário - José Maria Pacheco dos Reis, S. Teotónio



**HERDADE COMENDA DA IGREJA**  
S. GERALDO - 7050 MONTEMOR-O-NOVO - TELEFONE 266 847104

*Palavras para quê...*

**MELHOR CRIADOR 1994**  
**4º CONCURSO NACIONAL DE**  
**JOVENS REPRODUTORES 94**  
**SANTIAGO**

**VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES**



**Barnabé Francisco  
Primo Pisco**



**Monte dos Pombeiros**

**Santiago Maior - Alandroal**

**Tel. 268 499192 TLM. 91 9555067**

**Caixa de Crédito Agrícola**

**2 Balcões ao seu dispor  
Ferreira do Alentejo e Alvito**



**CRÉDITO AGRÍCOLA**

**Uma Instituição de Crédito que lhe presta  
um serviço completo**

**MONTE CAILOGO**



**Lote de novinhos filhos do RJ GOSSE 8791007294**

**RUI BORGES DE SOUSA**  
**Ferreira do Alentejo**

**Tel./Fax 284 758 000, Tlm. 967 090 160  
e-mail: borges.sousa.r@mail.telepac.pt**

**MANUEL  
ROCHA  
VIANA**

**Genética e Performance**



**LICAS PG95067017 Vice-Campeão Nacional 97**

**Continuamos no Top Nacional**

**Pinhal Novo - Cavaleiro - S. Teotónio  
7630 Odemira - Tel. 283 647 139**





### Caressant - Campeão Nac. Reprodutores

Durante esta primeira década de vida da ACL, a panorâmica da criação da raça Limousine em Portugal foi claramente influenciada pela descendência de um touro - Caressant.

Caressant venceu por quatro vezes o campeonato nacional de reprodutores. Filhos de Caressant venceram por sete vezes o troféu de Campeão Nacional, e por três vezes o troféu de Campeão Nacional de Jovens Reprodutores, além de vários trofeus de vice campeão e trofeus de campeonato.

Nascido na Haute- Vienne em casa da família Flacassieronde já ninguém se lembra desde quando é que ali se criam Limousines, Caressant passou pela estação de selecção de Lanaud, onde foi dos melhores da sua série e por isso seleccionado para IA na estação de Naves. Aí não se adaptou às rotinas da extracção de semen, e veio para Portugal.

Com uma produção do tipo misto, a descendência de Caressant apresenta como características comuns, grande profundidade de peito, dorso e garupa compridos, largos e profundos.



### Garoto - Campeão Nac. 93/94/96

Os filhos mais ilustres de Caressant são Garoto e Hercules, que, desde 93, não só têm vencido os campeonatos Nacionais como têm levado de vencida nos campeonatos de touros



### Hercules - Campeão Nac. 97/99

muitos e bons exemplares importados e premiados em França . Um filho de Garoto, Igor venceu em 95 o Campeonato Nacional de Jovens Reprodutores e em 1998 sagrou-se Campeão Nacional.



### Gulosa

Campeã Nac. 97/98/99

### Gaivota

Campeã Nac. 94/95/96

A história do Limousine em Portugal nestes últimos dez anos fica também assinalada por duas vacas nascidas em Portugal. Desde que, em 94, atingiram a idade adulta, Gaivota e Gulosa não têm deixado o mínimo espaço para qualquer concorrente, nascida em Portugal ou importada.

Além do seu reconhecido valor morfológico, estas vacas têm ainda registado performances produtivas de relevo. Mandrake, filho da Gulosa, prefigura-se como um dos touros que certamente irá dar que falar na próxima década.

## Herdade "Nave do Grou"

**WILLEM CARP**  
Seleccionador Limousine



HIDALGO PG92096007 Campeão Nacional 95

*Garantimos as melhores  
PERFORMANCES*

MOSTEIROS - 7340 ARRANCHES  
TELEFONE 245 583 458, FAX 245 582 192



# Os melhores criadores nacionais

Nos primeiros dez anos de vida da ACL, houve cinco criadores que se destacaram pela qualidade global dos animais que apresentaram em Concursos Nacionais.

José Manuel Costa, do Montijo, entre 1989 e 1993 só viu a sua hegemonia interrompida em 1992 pelos irmãos Capela, de Montemor o Novo.

Em 1994, o melhor Criador Nacional foi José Manuel Rodrigues e, em 1995, coube a vez a Willem Carp, de Arronches.

Depois, desde 1996, Pacheco dos Reis tem sido o grande vencedor.

Nos Concursos de Jovens Reprodutores, que se têm realizado anualmente desde 1991 em Santiago do Cacém, o panorama só difere ligeiramente.

Os Irmãos Capela, de Montemor O Novo, venceram o troféu de 1991.

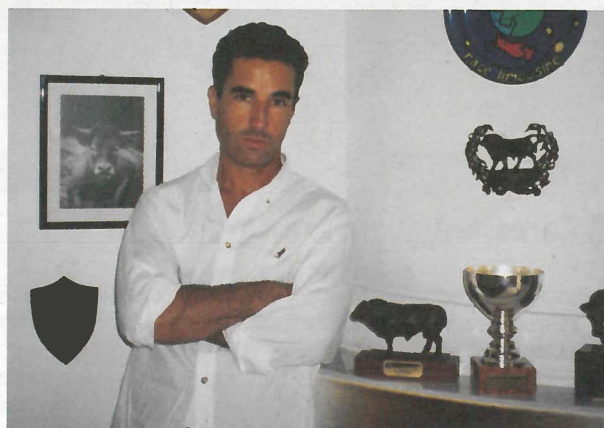
Em 1992, coube a vez a José Rodrigues, que bisou em 1993. Em 1994, o Melhor Criador foi Maria Augusta Lage de Almeida, de Montemor o Novo. De 1995 a 1998, Pacheco dos Reis dominou toda a concorrência. Em 1999, o detentor do troféu foi Barnabé Pisco, de Reguengos.

## Criadores em destaque



José Manuel Costa

Dos primeiros a apostar forte no Limousine, José Manuel Costa foi a grande referência da primeira metade da década. Tem no seu palmarés, quatro títulos nacionais de melhor criador. Além de vencedor crónico dos campeonatos de touros, com exemplares que pertencem por direito próprio à história do Limousine em Portugal, como Bartisol e Dauphin, um touro de sua criação, Esbelto, inaugurou em 1989 a galeria dos Campeões Nacionais Limousine.



José Manuel Rodrigues

Em 1986 escolheu a charneca do Brejão, em Odemira, para instalar as 25 vacas e o touro que acabara de importar de França. Esse touro, Caressant de sua graça, foi a chave do seu sucesso como criador.

O palmarés de José Rodrigues inclui três trofeus nacionais de melhor criador, quatro trofeus nacionais de campeão de reprodutores, e outros quatro trofeus nacionais de campeão nacional em Machos, e ainda três trofeus de campeão nacional de jovens reprodutores, um dos quais em fêmeas.

Da sua criação saíram os touros que dominaram o top nacional dos últimos 10 anos. Dos 11 títulos atribuídos, só Esbelto (1989), Bigode (1991) e Hidalgo (1995) não nasceram na Quinta das Taliscas, no Brejão.

José Maria Pacheco dos Reis

Desde que há memória que a família Reis se dedica à criação de bovinos, e à criação de Limousines desde que estes começaram a aparecer na charneca do Mira.

José Maria subiu ao top nacional dos criadores em 1995. Nesse ano, conquistou o troféu do concurso de jovens reprodutores que, de resto, só largou em 1999 por falta de comparência.

No concurso nacional, desde 1996 que Pacheco dos Reis não larga o troféu de melhor criador Nacional.

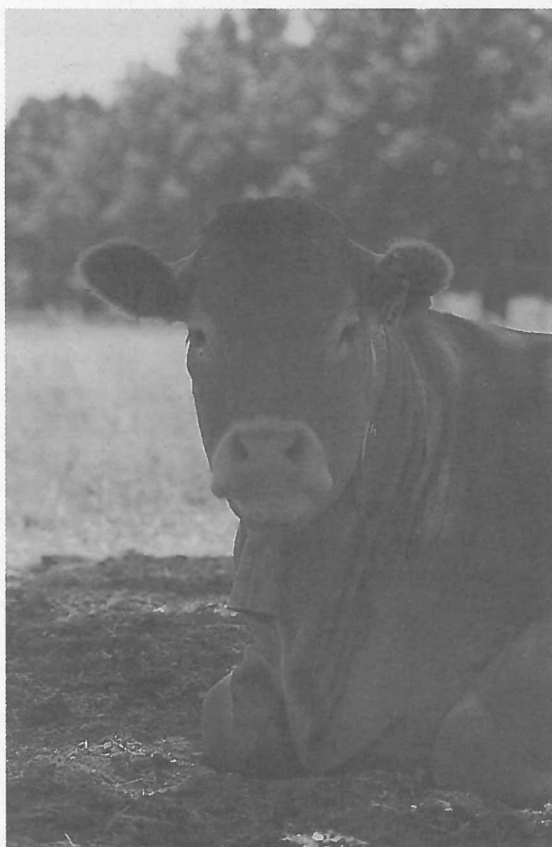
As grandes embaixatrizes do talento da família Reis para a criação do Limousine têm sido Gaivota e Gulosa, duas vacas que alternadamente, e desde 1994, não têm dado a mínima hipótese à concorrência. Estas duas vacas são as responsáveis por seis trofeus de campeã nacional que Pacheco dos Reis venceu. Além disso, já venceu dois trofeus de campeão nacional de jovens reprodutores.





# Controlo de performances é fundamental

«Há dez anos já havia animais excepcionais, mas estavam apenas nas mãos de dois ou três criadores. Hoje já não há esse domínio, os criadores portugueses, na generalidade, têm animais de grande qualidade,...»



José Romão foi o primeiro secretário técnico do Livro Genealógico da Raça Limousine, desde que, em 1990, ele passou a ser gerido pela respectiva Associação de Criadores, a ACL. «O Livro já antes funcionava, mas na dependência da Direcção geral de Pecuária», recorda. «Alguns criadores já estavam familiarizados com este sistema de inscrição dos animais, mas outros não. A sua implantação, no início, ainda foi difícil, mas hoje é um caso de sucesso, com excelentes resultados para a credibilidade da raça», recorda. Para aperfeiçoar os seus conhecimentos, José Romão começou por fazer um curso de Pontuação, na Estação de Lanau, no coração da região do Limousine, em França. «Aí fiz a minha formação sobre o método francês de pontuação, que avalia o desenvolvimento esquelético do animal, as suas aptidões funcionais e o desenvolvimento muscular», explica. «O objectivo era implementar em Portugal o mesmo sistema, mais objectivo».

José Romão recorda que o desenvolvimento da raça Limousine em Portugal se fez, inicialmente, à custa da importação de reprodutores de França, uma prática que ainda hoje se mantém, apesar de já haver no País animais de grande qualidade.

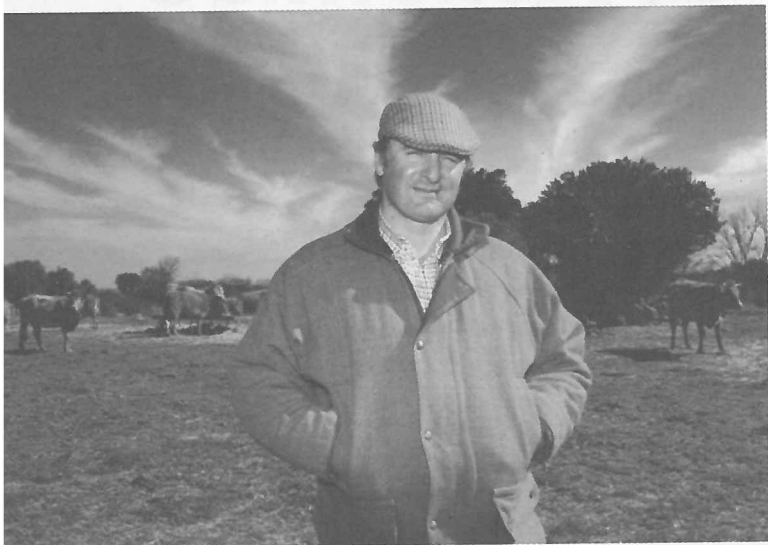
«Por uma questão comercial, os criadores de certa dimensão preferem comprar um animal fora, até por uma questão de promoção da casa», explica. Além disso, «a genética em França está mais evoluída. Já não se selecciona uma animal apenas porque é bonito, mas sobretudo porque tem provas dadas. Faz-se um controlo de performances de que resultam animais qualificados. E os criadores portugueses que lá vão comprar apostam nesses animais recomendados e qualificados».

«Até há uns anos, em Portugal, o objectivo era o concurso, e a escolha era feita tendo em conta se morfologicamente o animal era bom. Hoje já não há tantos concursos e os criadores apostam cada vez mais na qualidade dos animais», explica José Romão.

Este técnico conhece bem a evolução da raça em Portugal. «Há dez anos já havia animais excepcionais, mas estavam apenas nas mãos de dois ou três criadores. Hoje já não há esse domínio, os criadores portugueses, na generalidade, têm animais de grande qualidade, já que o nível se homogeneizou».

Para garantir esse aumento constante da qualidade, também em Portugal está a ser feito o controlo de performances, um tipo de avaliação que, segundo José Romão, dá maior percepção da qualidade dos animais e da sua boa genética. «O que interessa não é só a beleza, a morfologia, mas também a qualidade global», salienta.

Defensor incondicional de uma aposta decisiva na qualidade, José Romão fala sobre a necessidade de se criar uma Estação de Selecção e Melhoramento da Raça Limousine. É que, explica, «só essa estrutura permitiria a concentração dos animais num só local, com as mesmas condições, para fazer a sua avaliação, eliminando as diferenças causadas



pela disparidade de tratamento em cada exploração». O problema é que a criação dessa Estação é um projecto dispendioso e, sublinha, «para as raças exóticas (originárias de outros países) não há grandes apoios». «Há um certo preconceito das associações de criadores de raças nacionais, dizendo que todas as exóticas são suas concorrentes. Ora, não é bem assim. As raças nacionais são rústicas e as outras são raças precoces, uma característica que não há nas nacionais. É por isso que se deve antes dizer que as raças exóticas são complementares das nacionais».

## Evolução

José Romão considera que os criadores de Limousine têm que continuar a apostar na qualidade. É que, diz, quando começou o trabalho do Livro Genealógico do Limousine em Portugal, aí há uns quinze anos, ainda sob a dependência da Direcção Geral de Pecuária, «havia um domínio do charolês como raça de importação, que dominava o mercado. Hoje a raça limousine conquistou metade do lugar do charolês, aliás a exemplo do que acontece em França».

Quais as razões para esta modificação? «As carcaças do charolês são muito volumosas e estão, por assim dizer, fora de uso. A qualidade da carne das raças vermelhas, como o Limousine, é muito superior. Além disso, em termos de manejo, o Limousine é também muito mais fácil, nomeadamente ao nível das parições. Estas são condicionantes do mercado e do panorama actual que acabaram por levar ao crescimento da raça Limousine».

## O desafio é a qualidade

«A Associação e a sua revista foram grandes impulsionadores da implantação da raça Limousine em Portugal», considera o médico veterinário António Cristina Alves, director técnico da revista «Notícias Limousine» desde o seu início. Cristina Alves salienta que o Limousine é uma raça de origem francesa que se tem adaptado «muito bem às condições de Portugal, em especial no Sul do País». «É uma espécie bastante rústica, adaptável às nossas condições ambientais, que, sobre as raças portuguesas, tem a vantagem de ser mais precoce e de produzir carne de alta qualidade».

A princípio, recorda, «houve uma certa oposição por parte dos responsáveis do Estado, que não queriam apoiar a raça por esta não ser autóctone. Por isso, pode dizer-se que o Limousine foi uma raça que se fez valer pelas suas qualidades e pela iniciativa dos privados».

Este médico veterinário tem desempenhado um papel muito activo enquanto director técnico e contribuidor para o conteúdo da revista «Notícias Limousine». Cristina Alves faz mesmo questão de salientar o papel que esta publicação editada pela ACL tem desempenhado, enquanto divulgadora da importância do Livro genealógico, da aposta na qualidade, da tecnologia agronómica e de produção animal. «A revista tem sido a melhor forma de fazer chegar aos criadores a informação técnica mais actual, mas também os ensaios e as experiências feitas em Portugal pelos próprios criadores».

Quanto ao futuro do Limousine, Cristina Alves considera que em Portugal «já se atingiu um nível em termos de melhoramento da raça. Daqui para a frente, deve procurar apostar-se na qualidade, nomeadamente através do respeito pelas regras de registo no Livro Genealógico, das regras da tecnologia de produção agropecuária específicas da raça».

«Em Portugal, o caminho não pode ser uma aposta na quantidade, porque não temos dimensão. Por isso, temos que buscar a qualidade», defende. Ora isso, diz, «passa pela formação dos próprios criadores, que terão que ter por trás meios técnicos e informativos credibilizados, mas passa também pela honestidade do produtor». É que, salienta, mesmo com os desafios que se avizinham, se a Europa fizer uma aposta na qualidade o sector pecuário poderá sobreviver, já que «qualidade é igual a preço».

O objectivo em Portugal terá que ser, conclui, «promover o melhoramento da raça e a própria economia da produção, ou seja, produzir melhor e com menores custos, sem prejuízo da qualidade. Este é que é o grande desafio».

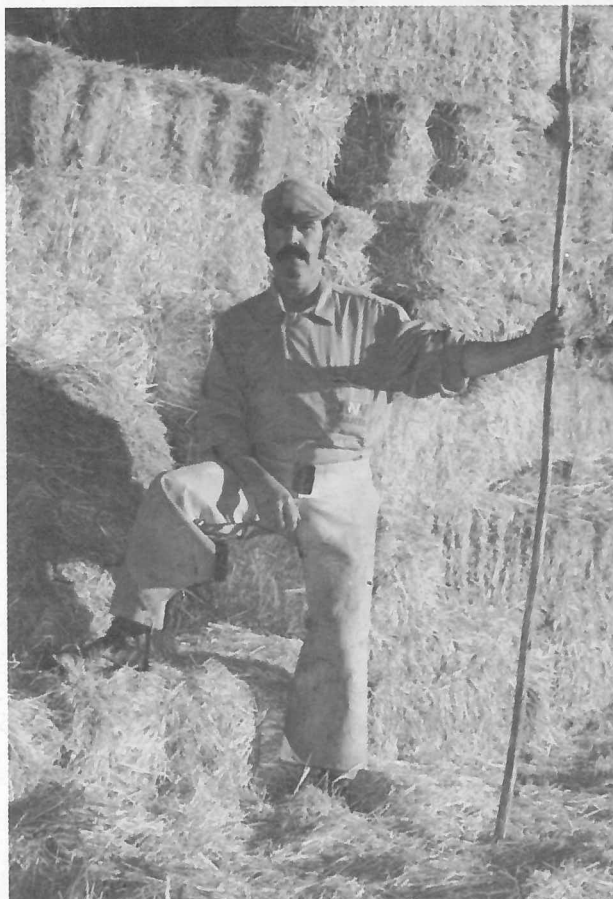


# Um saber de experiência feito

O Ti Bexiga, de 75 anos, e o Ti Chico, de 62, são exemplo de pessoas que dedicaram toda a sua vida aos animais, a quem trataram como verdadeiros filhos. O seu, é um saber de experiência feito, que não aprenderam nos livros, mas nas muitas noites mal dormidas, nas madrugadas gélidas de Inverno à espera que as vacas parissem. Foram também dois dos maiores animadores das feiras e dos concursos dedicados à raça Limousine, que se têm feito ao longo dos anos. Com o seu saber, a sua experiência, o seu dom especial para lidar com os animais, levaram aos certames um profissionalismo a toda a prova. E fizeram escola.

## Os ensopados do Ti Chico

«Aos oito anos comecei a guardar vacas. Nesses tempos ganhava 10 tostões por dia», recorda Francisco Horta, a quem todos os amigos tratam por Ti Chico. As vacas foram a sua vida e ainda hoje está ligado a esta actividade ganadeira. Uma das suas maiores alegrias eram as feiras, onde acompanhava os animais do patrão. «Tenho grande amizade a isto, aos animais e às feiras. É que eu gosto muito do convívio», salienta. Mas, além da sua enorme experiência a lidar com vacas e touros, o Ti Chico é sempre requerido nas feiras por uma característica peculiar é que ele é um cozinheiro *de mão cheia*, cuja famosa receita de ensopado à pastora, com batatas à parte, até foi incluída num livro sobre cozinha alentejana à base de borrego, editado pela Associação de Criadores de Ovinos do Sul. Além do ensopado, outra das suas especialidades é a *sopinha* de tomate. «Os meus companheiros têm saudades das minhas comidas», diz, com indisfarçável orgulho. Hoje, o Ti Chico já não vai às feiras, porque os afazeres são outros. Mas afirma ter «pena, porque gosto daquilo e de tomar lidação com as pessoas». Isto de ser maioral das vacas é uma profissão «de muito trabalho



e de muito aborrecimento não há sábados, não há domingos, nem dias santos. É sempre a trabalhar». Com as suas grandes suíças, um bigode negro e farto, o Ti Chico nem parece ter os 62 anos que constam do seu bilhete de identidade. De saúde, graças a Deus, está bem. «Nunca tomei um comprimido na vida», diz. A explicação para esta saúde de ferro talvez possa ser encontrada nos bons hábitos que sempre manteve. «A melhor refeição que se pode comer é de manhã», explica. «Se levar a malvada cheia não há nada que resista». Além das feiras agrícolas em Portugal, o Ti Chico orgulha-se de ter acompanhado os animais do patrão (e não só) a certames internacionais de renome, como Madrid (onde esteve duas vezes), Salamanca e Zafra. Só tem pena de nunca ter ido a Paris.



## Um dom para os bichos

O Tio Bexiga tem 75 anos e passou dois terços da sua vida a tratar de vacas. Há cinco anos reformou-se, mais por causa dos problemas na vista que por cansaço. Durante décadas foi o encarregado dos trabalhos em diversas herdades da Casa Agrícola Praça Mexia, na zona de Montemor.

O seu último poiso foi na Herdade das Carias. Ainda hoje lá tem umas vaquinhas limousine, que são a sua «reforma».

A ligação do Ti Bexiga a esta raça vem de longe. Quando a Casa Agrícola Praça Mexia resolveu apostar em força na criação de bovinos de raça limousine, nos anos 80, o senhor Bexiga já conhecia a raça. «Vinham touros das Terras da Ribeira», uma outra exploração dos mesmos proprietários, para a Herdade das Carias, para fazer cruzamentos com a vacada.

Um dos maiores orgulhos do Ti Bexiga são os prémios que ganhou, com os seus animais, nas feiras de Lagoa, Estremoz, Santarém, Montemor.

É que, além do bom tratamento que os animais levavam na Herdade, era ainda ele o responsável pela sua preparação para serem apresentados nos certames.

Preparar os animais para os apresentar nas feiras, diz, «ainda dá muito trabalho». É que os bichos estão mais habituados a andar à solta nas pastagens e, para os levar aos certames é preciso

«amansá-los, fazê-los andar à arreata».

Para tratar com os bichos, garante, é preciso «ter um dom». «Os animais acostumam-se às pessoas e conhecem quem os trata bem e quem os trata mal», diz.

O senhor Bexiga, em quase 50 anos a lidar com vacas, nunca teve problemas de maior, mas já apanhou alguns sustos. O caso mais complicado foi, recorda, uma verdadeira tourada que se armou há uns anos na feira de Estremoz. O Caramel, um imponente novilho campeão da casa, não usava então arganel e pegou-se de razões com outro touro, da Casa Capela. «Olhe, ía-o matando. Ele era senhoras a pularem por cima das vedações, gente a gritar. Vi o caso bem feito, mas lá conseguimos dar conta dos bichos». É por isso que o senhor Bexiga defende que «com o arganel é muito mais fácil».

O Senhor Bexiga nasceu em Arraiolos, onde hoje vive tranquilamente a sua reforma, com a esposa. Além de ser benfiquista ferrenho, é também fundador do clube de futebol da terra, o Arraiolense.

Nenhum dos filhos quis seguir a sua vida. Talvez por verem a vida dura que ele levava. «Levantava-me antes do romper da manhã, hora e meia antes do sol nascer. Quando o sol nascia, já eu andava na lida. Naquele tempo, trabalhava-se muito e ganhava-se pouco, mas mesmo assim, andávamos contentes. Agora ganham muito e andam todos zangados», constata.

O Ti Bexiga reformou-se há cinco anos, mas deixou na Herdade das Carias um digno sucessor - Guilhermino Pinto, de 44 anos, que, segundo Bexiga, «nasceu atrás de uma vaca».

### FICHA TÉCNICA

#### Propriedade:

Associação Portuguesa de Criadores da Raça Limousine - A.C.L., inscrita com o n.º 218 328 de 14/07/94

**Director:** José Rodrigues

**Secretariado:** Conceição Pascoal

#### Redacção, Administração e Publicidade:

ACL - Rua Miguel Bombarda, n.º 3 - 1.º H, 8400 Lagoa, Tel.: 282 341710, Fax: 282 341711

**Fotografia:** Telma Veríssimo

**Textos:** Elisabete Rodrigues

**Criação:** Isabel Vaz / NC&G

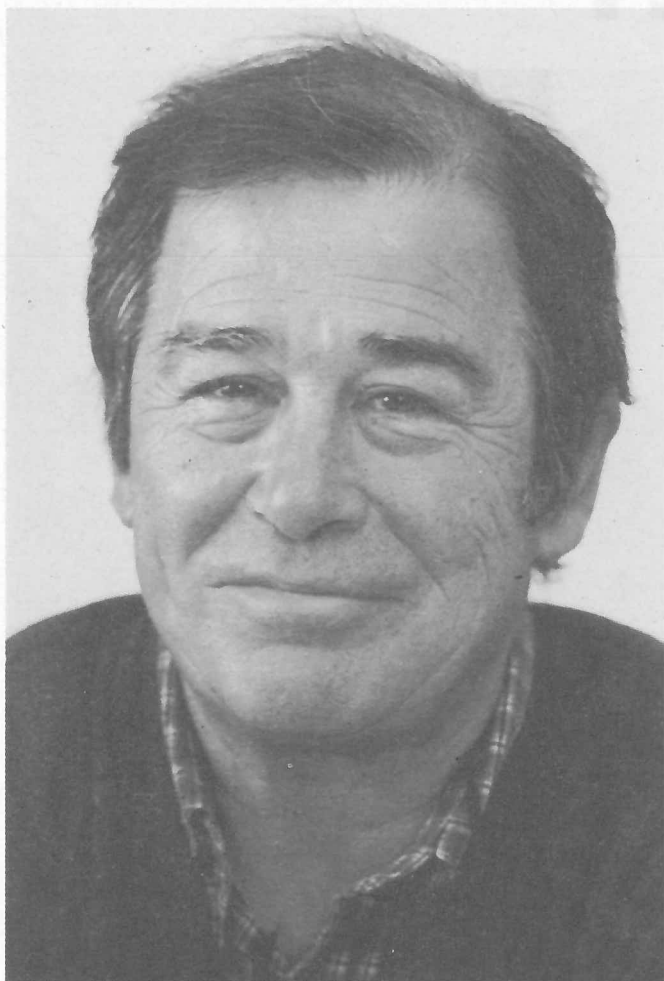
#### Fotocomposição e Fitolito:

NC&G - Design, Fotografia e Publicidade Lda., Tel.: 282 416 663 Colprinter, Depósito Legal n.º 76860/94

**Tiragem:** 2500 exemplares  
Registo n.º 118 329



# O futuro



2000 vai ser um ano de grandes mudanças e de consolidação da Associação de Criadores da Raça Bovina Limousine (ACL), garante Rui Borges de Sousa, presidente da direcção.

O objectivo fundamental é colocar a ACL «cada vez mais ao serviço dos seus associados», diz. Uma

forma de o fazer será transferir a sua sede, mudança que tem estado em estudo nos últimos meses. É que, desde a fundação da associação há dez anos, que a sua sede funciona em Lagoa, no Algarve. O objectivo é, agora, transferir a ACL para «perto da bovinicultura». Razão pela qual a futura sede se deverá situar em Montemor-o-Novo ou Évora, locais mais prováveis.

O criador Barnabé Pisco, secretário da direcção da ACL, explica que a decisão de ização

mudar a sede tem a ver com o facto de «a maior parte dos criadores se situar no Alto e Baixo Alentejo e no litoral alentejano», o que faz com que não tenha sentido manter a sede no Algarve. «Essa é uma situação que dificulta a vida aos criadores e a nossa comunicação com eles», diz, por seu lado, o presidente Borges de Sousa. Além do mais, lembra este dirigente, a actual localização tem reflexos nos custos de funcionamento da associação.

Por outro lado, para melhorar a funcionalidade da ACL e dar apoio aos criadores da zona de Odemira e do litoral alentejano, há ainda planos para abrir uma delegação da associação naquela zona, provavelmente com a colaboração da Câmara de Odemira e do Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina.

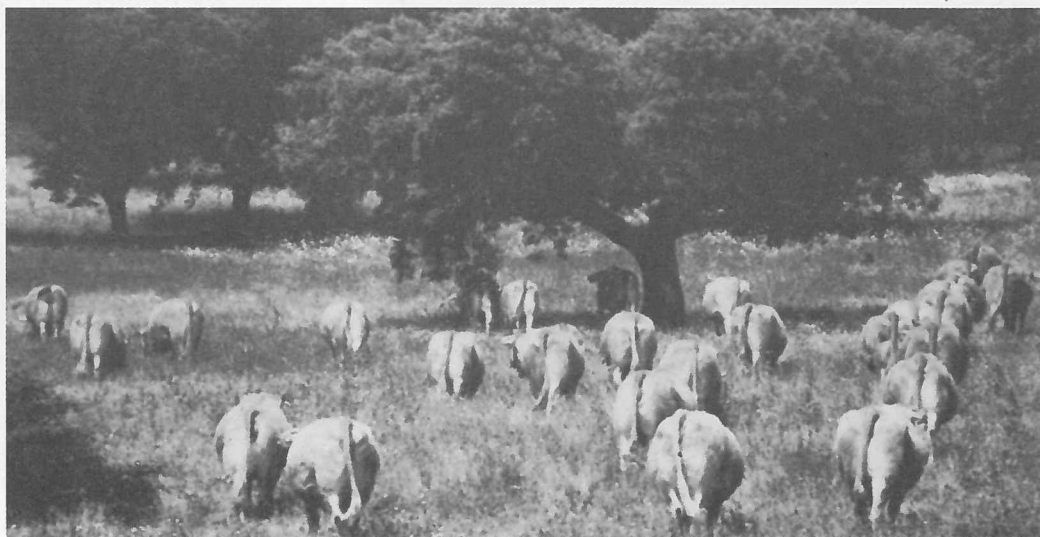
«Na região de Odemira, temos muitos criadores nossos associados, apesar do efectivo de bovinos da raça limousine seja pequeno, devido à dimensão da propriedade», explicou Borges de Sousa.

Entre os planos da direcção da ACL está também a manutenção da sua Revista, apontada como um importante veículo de comunicação com os sócios, mas também de divulgação da imagem da raça e da associação.

Aspecto a reforçar também será o dos concursos. Assim, este ano, depois do Concurso Nacional de Jovens Reprodutores na Santiago 2000, feira realizada em Santiago do Cacém no passado mês de Maio, está agora programado, em Julho, o Concurso Nacional da Raça Limousine, a ter lugar no âmbito da Faceco, em S. Teotónio (Odemira).

«O nosso objectivo é estarmos cada vez mais presentes, já que a imagem do Limousine tem que ser cada vez mais difundida. É um excelente produto, por isso temos que divulgá-lo», salientou Borges de Sousa.

É que, como sublinha o presidente da ACL, «temos uma imagem muito boa na praça, uma óptima aceitação por parte dos criadores, um trabalho no Livro Genealógico muito consistente». Um trabalho que se reflecte até no número de associados da ACL, que já atinge perto de uma centena de criadores.



# Nuvens no horizonte?



O futuro, segundo Borges de Sousa, apresenta-se «um pouco enevoado», num cenário que afecta todo o sector da bovinicultura nacional. É que, explica este criador, a situação criada pela abertura do mercado sul-americano e australiano, através dos novos acordos de comércio internacionais, «é preocupante e obriga a arregaçar as mangas, para encontrar nichos de mercado onde a carne Limousine, pela sua qualidade, tenha boa aceitação». «Haverá sempre consumidores que não aceitam carne congelada, preferindo antes a carne fresca e de qualidade», garante. Daí que, salienta o dirigente da ACL, o «grande desafio da nossa associação, no futuro, seja envolver-se e apoiar um projecto de comercialização credível. A qualidade do Limousine é muito boa e há sempre nichos de mercado. É preciso procurá-los. Se se mantiver a qualidade, como o temos feito até agora, há sempre espaço para a carne Limousine no mercado».

Rui Borges de Sousa é o presidente da direcção da ACL. Cria bovinos da raça Limousine desde 1992, na sua herdade em Figueira de Cavaleiros, Ferreira do Alentejo. E não se cansa de defender a aposta que um dia fez nesta raça de origem francesa, que se tem adaptado tão bem a Portugal.

Barnabé Pisco, por seu lado, é secretário da direcção. Por questões de família, tomou conta da herdade, no Alandroal, em 1992, tendo então decidido vocacionar a exploração para a criação de bovinos. «Não tive dúvidas em optar pelo Limousine e não estou arrependido», garante. «O Limousine é uma paixão que se pega. Não é difícil gostar destes animais, devido ao seu comportamento especial. Tem-se revelado de

tal forma uma opção certa, que até já peguei o vício do Limousine a dois ou três criadores amigos, que agora partilham esta paixão pela raça».

Por outro lado, salienta António Samora, vice-presidente da ACL, é preciso não esquecer as características da raça, que a tornam mais interessante que outras. «O Limousine garante ganhos médios diários muito elevados, facilidade de partos e qualidade da carne, com grande rendimento por carcaça». Samora estabeleceu-se numa propriedade perto de Odemira, em 1995, como jovem agricultor. Recorda que escolheu o Limousine, porque se foi instalar numa zona onde a raça já predominava e com sucesso comprovado. «Pensei que se os outros tinham bons resultados, não valia a pena inventar».



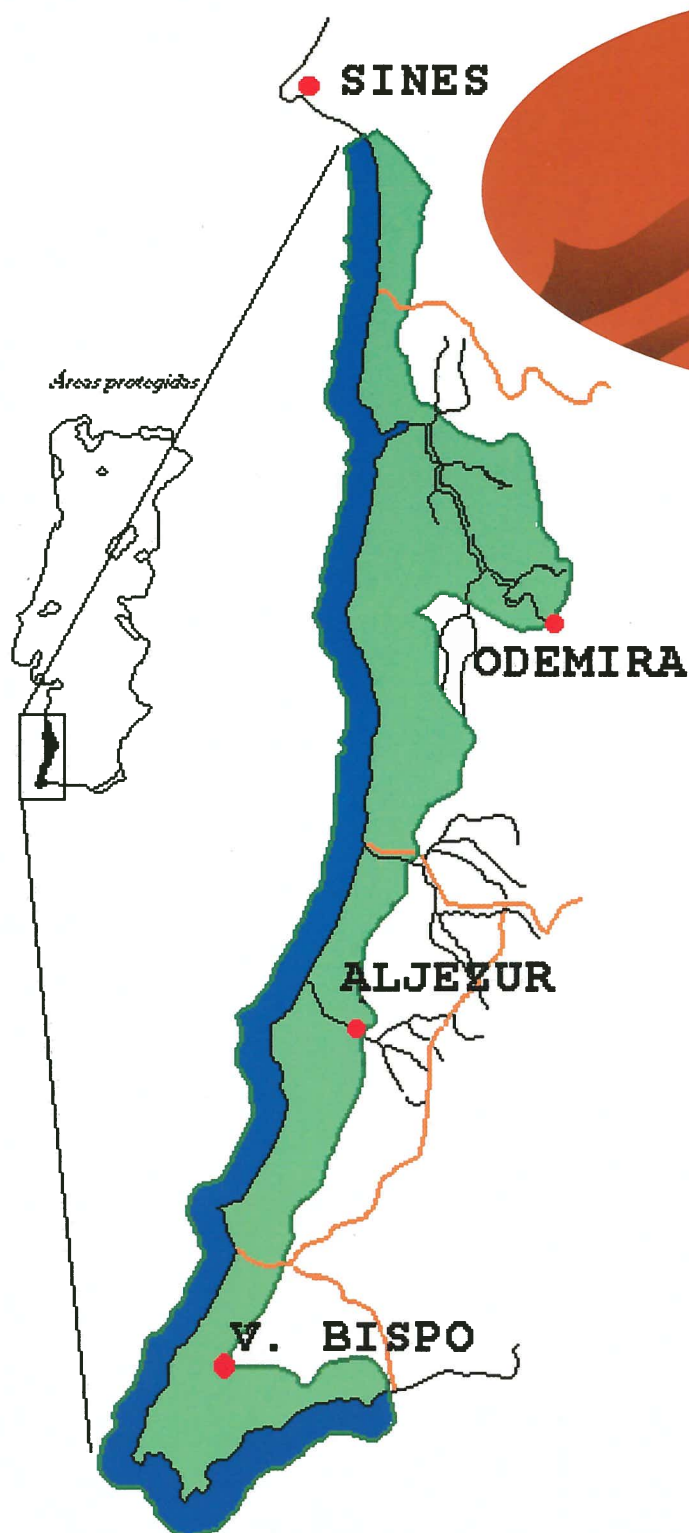


# Parque Natural do SW Alentejano e Costa Vicentina



## ACL

ASSOCIAÇÃO DE CRIADORES  
LIMOUSINE







**S. TEOTÓNIO 21. 22. 23 JULHO**

# **FACECO 2000**

**FEIRA DAS ACTIVIDADES CULTURAIS E ECONÓMICAS  
DO CONCELHO DE ODEMIRA**

P.O.R.A.



**Comissão Promotora:**  
Câmara Municipal de Odemira  
Comissão Municipal de Turismo  
Junta de Freguesia de S. Teotónio

**Apoios:**  
Associação Criadores da Raça Limousine ; Direcção-Geral da Agricultura do Alentejo  
Associação Criadores da Raça Limousine ; Direcção-Geral da Agricultura do Alentejo  
Guarda Nacional Republicana  
Centro de Saúde e Bombeiros Voluntários de Odemira